

meSalva!



FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA



MESOPOTÂMIA
ASPECTOS CU

AFIXOS

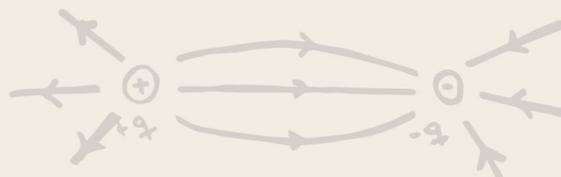
CONTROLADO

QUAL DE
INDICAÇÃO

MENTE

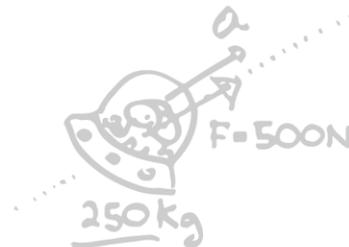
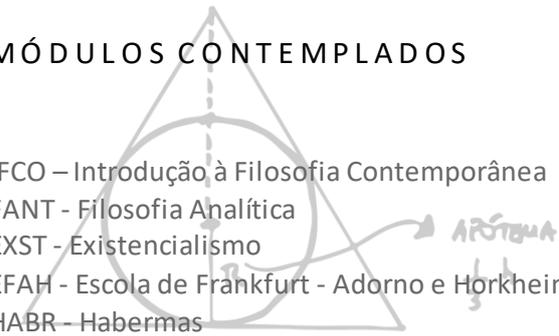
SUFIJO

CAFETERIA



MÓDULOS CONTEMPLADOS

- ✓ IFCO – Introdução à Filosofia Contemporânea
- ✓ FANT - Filosofia Analítica
- ✓ EXST - Existencialismo
- ✓ EFAH - Escola de Frankfurt - Adorno e Horkheimer
- ✓ HABR - Habermas
- ✓ FFCO - Filosofando IV - Filosofia Contemporânea
- ✓ FAMC - Filosofia Aplicada - Método Científico
- ✓ FADH - Filosofia Aplicada - Direitos Humanos



meSalva!



CURSO

EXTENSIVO 2017

DISCIPLINA

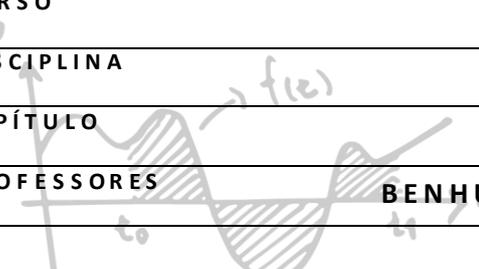
FILOSOFIA

CAPÍTULO

FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA

PROFESSORES

BENHUR BORTOLOTTO E CLARA TONOLLI



FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA

INTRODUÇÃO

Olá, pessoal! Vocês devem lembrar que a tensão e o confronto de ideias distintas têm sido o motor que faz Filosofia avançar desde a idade antiga. Como vimos nas apostilas anteriores, grandes ideias sobre, por exemplo, a natureza do mundo e do ser (Filosofia Grega) e a origem do conhecimento (Filosofia Moderna) surgiram de confrontos intelectuais. Cada tese trazia um novo conjunto de conceitos para compreendermos a realidade do universo, do homem e do entendimento.

Se você retomar os tópicos da nossa apostila de Filosofia Grega, verá que a tese que inaugurou a Filosofia e a ciência na cultura ocidental foi o Monismo, de Tales de Mileto. Tales propôs que havia um princípio único para todas as coisas e este princípio era a água. Depois de Tales você foi apresentado a outro grego notável, Heráclito, que afirmava o contrário: o mundo é uma multiplicidade em fluxo. As duas teses abordavam o problemão que era tentar compreender a natureza do mundo de maneiras muito diferentes, e as soluções que cada uma dessas abordagens oferecia foram passos importantes para a evolução do pensamento e da ciência. Mas assim como essas teses traziam muitas soluções para a difícil empreitada de compreender o mundo, elas traziam alguns problemas também.

A DIALÉTICA DE HEGEL

Tempos depois de cada uma ter se desenvolvido, longe da paixão imediata e da comoção (seja para o bem ou para o mal) que cada tese gerou, Aristóteles apresentou sua própria proposta, que parecia ser muito mais completa e deixar menos pontas soltas do que as anteriores. Friedrich Hegel (1770-1831), um importante filósofo do século XIX, percebeu este movimento e formulou sua Filosofia da História refletindo sobre isso. Perceba que você já viu muitas vezes nas nossas apostilas a expressão História da Filosofia, que se refere ao desenvolvimento histórico do pensamento filosófico, mas só agora surge a ideia de uma Filosofia da História, ou seja, uma tentativa de usar os métodos de investigação filosófica para produzir um conhecimento filosófico sobre a história. O que Hegel propôs é que a história se desenvolve num ciclo composto por Tese, Antítese e Síntese.

Para pensarmos nesse movimento de maneira mais concreta, imagine a seguinte situação:

Numa cidade fictícia, durante a eleição para prefeito, um candidato que quer muito ser eleito promete que vai construir um viaduto que deve resolver o problema do trânsito em determinado bairro. Notem que na cidade do nosso exemplo existe um problema (o trânsito) que precisa ser resolvido. O candidato oferece uma solução inicial, que é construir um viaduto.

Vamos chamar a solução inicial – o viaduto – de **TESE**. As pessoas que estão cansadas de engarrafamento votam no candidato e ele se elege. Não estranhe agora quando eu disser que o candidato eleito começou a cumprir sua promessa. Afinal, estamos no mundo dos exemplos, feito sob medida para ilustrar ideias, e neste mundo pode ser normal que políticos cumpram suas promessas.

Mas eis que, quando se definiu o tamanho e o local do viaduto, aconteceu algo que não era esperado: o único jeito de construí-lo era derrubando algumas casas e os moradores que seriam afetados não queriam ter que se mudar. Estes moradores então começam a mobilizar pessoas que são sensíveis ao seu problema (o de ter que se mudar à força). Elas podem argumentar, entre outras coisas, que com menos casas na vizinhança os pequenos negócios locais vão ser prejudicados com a diminuição de clientes e, assim, conseguir apoio de grupos que a princípio não seriam diretamente afetados. Forma-se então um grupo contrário à **TESE**, com pessoas que propõem que não se faça viaduto nenhum. Chamaremos essa segunda proposta – a de não fazer viaduto – de **ANTÍTESE**.

Note que temos uma **TESE** – construir um viaduto –, que resolve o problema do trânsito, mas causa um problema habitacional, e temos uma **ANTÍTESE**, que soluciona o drama habitacional de quem seria forçado a se mudar, mas mantém o problema do trânsito. As pessoas são muito afetadas por estas propostas e se dedicam apaixonadamente a buscar os pontos fortes de uma ou outra proposta. Os moradores que seriam obrigados a se mudar ficam buscando argumentos que possam sensibilizar outras pessoas, como o argumento da diminuição da clientela nos negócios locais. Pode-se dizer ainda que viadutos são muito visados por moradores de fora e o bairro passaria a ter que lidar com isso, o que incomoda algumas pessoas que antes não se importavam com a ideia da construção. A briga divide então o bairro entre aqueles que acham mais importante resolver o problema do trânsito e aqueles que acham mais importante manter o bairro do jeito que está. Essa disputa mobiliza os moradores e faz com que o mundo mágico do nosso exemplo, em que políticos cumprem suas promessas, passe a ser mais parecido com o mundo real: e a obra não sai do papel nunca!

Mas eis que surge uma terceira ideia. Alguém que não mora no bairro – e está menos apaixonadamente afetado por aqueles problemas – percebe que é possível fazer as duas coisas: manter o bairro como está e também resolver o problema do trânsito. Para isso, ele propõe que seja ampliada a linha do metrô, fazendo-o atravessar o bairro por debaixo da terra, sem desapropriar tantas casas e diminuindo o fluxo de carros nas vias. Chamaremos a terceira proposta – ampliar o metrô – de **SÍNTESE**. Acontece que a proposta que agora pode resolver o problema do trânsito sem causar incômodo aos moradores esbarra numa outra dificuldade: ampliar o metrô é muito caro, a cidade não tem dinheiro e o único jeito de fazer isso é aumentando bastante os impostos. Os moradores do bairro que querem muito ficar onde estão e as pessoas que usam as vias engarrafadas constituíam dois grupos distintos e antagônicos. Agora, eles estão juntos e formam o grupo das pessoas que acham que vale a pena pagar pela obra, e vão se confrontar com o grupo dos moradores que não era afetado pelo problema de trânsito nem pelo problema da modificação do bairro e não está disposto a arcar com o custo de uma obra tão cara. É neste momento em que aquilo que era uma **SÍNTESE** passa a ser uma nova **TESE**, e produz sua própria **ANTÍTESE**.

Este pequeno exemplo ilustra, de maneira bastante simplista, a complexa teoria dialética de Hegel sobre o movimento da história. Mas Hegel se ocupou ainda de inúmeros outros assuntos, como Direito, Política, Estética, Lógica, História, História da Filosofia, Ética e Filosofia da Religião. Sua obra é tão vasta que é tida como o último sistema filosófico completo: todas as principais áreas da Filosofia estavam ali, organizadas num sistema fechado que se remetia a si mesmo.



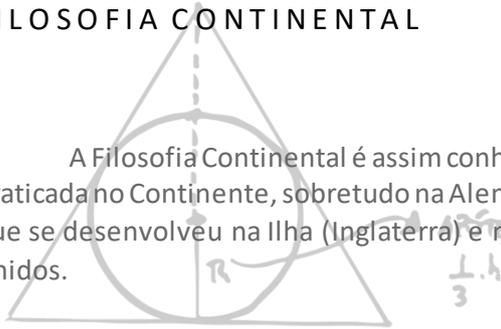
Hegel foi um pensador bastante influente e, como veremos nesta mesma apostila, suas ideias são exploradas até hoje. Mas sua obra é controversa. Contém alguns trechos muito obscuros, de difícil compreensão, e outros cujas propostas parecem muito distantes do que se poderia aceitar de maneira razoável. Isso fez com que o sistema filosófico hegeliano não sobrevivesse a seu autor. Teses específicas e soluções inteligentes que Hegel encontrou para alguns problemas clássicos da Filosofia seguem orientando filósofos, sociólogos e intelectuais de todo o mundo, mas a unidade do sistema ficou comprometida com a morte de seu criador.

Com isso, a Filosofia do século XIX começou a se desenvolver nos escombros do sistema Hegeliano e surgiram, no mesmo molde de TESE e ANTÍTESE, dois dos mais influentes filósofos contemporâneos: Martin Heidegger (1889-1976) e Ludwig Wittgenstein (1889-1951). Além desses dois autores, a Filosofia nos séculos XX e XXI foi marcada pelas novas descobertas científicas, pela Psicanálise e pela Antropologia e também pelo desenvolvimento das Ciências Sociais.



FILOSOFIA CONTINENTAL

A Filosofia Continental é assim conhecida por ser a Filosofia que foi predominantemente praticada no Continente, sobretudo na Alemanha e na França, em oposição à Filosofia Analítica que se desenvolveu na Ilha (Inglaterra) e mais tarde adquiriu grande influência nos Estados Unidos.



HUSSERL E A FENOMENOLOGIA

A fenomenologia surge como uma crítica à Filosofia Tradicional. Mais especificamente, uma crítica ao que considerava “metafísica vazia e abstrata”. Seu precursor, o alemão Edmund Husserl (1859-1938), propôs uma filosofia que se ocupasse dos fenômenos, ou seja, das coisas como elas aparecem no mundo e são experimentadas.

Há, portanto, um deslocamento da investigação filosófica, que deixa de buscar a natureza real e profunda das coisas e passa a se dedicar ao seu fenômeno, ou aquilo que se experimenta, seja sensivelmente ou seja na consciência do indivíduo.

Para Husserl, toda consciência tem uma intenção, ou seja, busca alguma coisa. Esse objeto buscado, para o qual “tende” a consciência, é sempre algo alheio a ela. A consciência, portanto, sempre se movimenta para algo que está fora dela mesma, dando significado próprio a este objeto.

Agora tente lembrar o que estudamos sobre Racionalismo e Empirismo na apostila de Filosofia Moderna: para os racionalistas, o conhecimento era fruto da razão por si mesma e Descartes chega a isso concebendo a ideia de uma consciência separada do mundo (a coisa pensante); já para os empiristas, o conhecimento era fruto dos próprios objetos da experiência. Com a Fenomenologia, Husserl rechaça as duas teses. Para ele, não existe consciência separada do mundo: a busca por objetos alheios é definidora da própria consciência e o conhecimento não pode ser apenas intelectual, pois envolve o contato da consciência com seus objetos buscados e os significados criados por essa busca. Mas Husserl também rechaça a tese empirista, pois, para ele, os objetos em si não existem, já que sua própria existência também depende de uma consciência que lhes dê significado.

O SER E O TEMPO DE HEIDEGGER

O filósofo alemão Martin Heidegger (1889-1976) foi um dos mais polêmicos e controversos intelectuais do século XX. Não apenas pelo tamanho e a influência de sua obra, mas também por detalhes da sua biografia. Sua proximidade com o Nazismo e seu posto na universidade alemã (foi reitor da Universidade de Freiburg) durante o governo de Adolf Hitler rendem ainda hoje inúmeros debates sobre a relação entre sua conduta pessoal e seu legado intelectual.



Influenciado pela Fenomenologia de Husserl, e também por Aristóteles, Heidegger tentou retomar a questão do ser e devolver à Filosofia o que ele considerava seu verdadeiro propósito: a investigação ontológica, ou seja, a investigação do ser.

Husserl havia traçado caminho para uma nova percepção do modo como o mundo e a consciência se integram no indivíduo que atribui significado aos objetos do mundo, na medida que os persegue e interage com eles. A partir disso, Heidegger chega ao conceito de Dasein, ou “ser-aí”, que designa não um ser qualquer, imóvel, mas um ser humano específico, um sujeito com uma consciência ativa, para quem a própria existência é uma questão. As pedras, as plantas e os animais não viveriam essa consciência que, para Heidegger, é também uma escolha: a existência é uma escolha e possui um propósito que o próprio sujeito define. Observe que a proximidade com Husserl se dá tanto pelas semelhanças quanto pelas diferenças:

Heidegger, assim como Husserl, rejeita a separação entre ser e objeto, mas, diferentemente do precursor, busca, a partir disso, uma investigação ontológica sobre a própria natureza do ser.

FACTICIDADE E TRANSCENDÊNCIA

Heidegger chama de **Facticidade** todos aqueles elementos que determinam a vida de um indivíduo: as características de seu corpo, certas características psicológicas, o meio em que nasce e é criado (sua família e sua comunidade), a época e o lugar em que vive, sua cultura, etc. Estes elementos não são definidos pelo indivíduo, que está sujeito a todos eles.

A liberdade humana está situada no que Heidegger chamou de **Transcendência**, que é capacidade de superar estes elementos determinantes. Superar não significa rejeitá-los, mas orientar-se para além deles e atribuir a cada um deles um sentido próprio.

O **Dasein**, portanto, está no tempo com a capacidade de se lançar no futuro em cada ação do presente, limitado pela facticidade, que causa a angústia, a angústia da diferença entre aquilo que se é e aquilo que se poderia ser. Mas essa mesma angústia e a consciência da morte permitem arrancar o indivíduo dessa limitação e encontrar-se a si mesmo, transcendendo a facticidade e tornando-se senhor delas ao dar-lhes significado. Ou seja, é por temermos a morte que atribuímos importância aos eventos da vida e por essa importância nos movimentamos e agimos no mundo.

O CASAL SARTRE E BEAUVOIR

Jean-Paul Sartre (1905-1980) foi um influente filósofo, dramaturgo e romancista francês. Agraciado com o Prêmio Nobel de Literatura, que recusou, em 1964, Sartre foi o principal autor existencialista de sua geração, influenciando pensadores de todo o mundo.

Suas ideias foram apresentadas tanto em ensaios propriamente filosóficos como também em romances e peças de teatro.

EXISTENCIALISMO E LIBERDADE

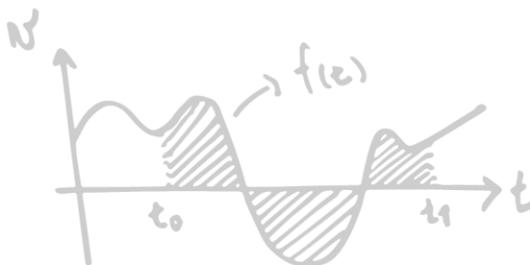
Você deve lembrar do conceito de Substância – muitas vezes também chamado de Essência – apresentado no capítulo sobre Aristóteles em nossa Apostila de Filosofia Grega. Este conceito atravessa a história da Filosofia: foi muito importante durante a idade média e também na modernidade, quando pensadores como Descartes, Spinoza e Kant dedicaram-se a problemas sobre a natureza do conhecimento e tiveram que recorrer à noção de substância ou essência para formular suas teses.

Com Sartre este conceito sofre uma radicalização e tanto: para o filósofo, enquanto outras coisas no mundo têm sua essência dada, o homem precisa descobri-la. Note que você consegue identificar cadeiras, sejam elas de madeira, de ferro ou de plástico, pois existe uma essência da cadeira que faz com que ela seja cadeira e não um outro objeto. Em **O Ser e o Nada**, Sartre sugere que, no caso do homem, a “existência precede a essência”, ou seja: o homem a princípio não é nada, primeiro ele existe e só a partir dessa existência vai adquirir uma essência fabricada com suas escolhas de vida.

Sem nenhuma essência que o defina de largada, **o homem é livre para realizar seu projeto** e isso o distingue dos outros animais. Sartre diferencia o “ser-em-si” dos animais, que existem apenas em si mesmos, e o “ser-para-si” do homem, que, dotado de consciência, é capaz de pôr-se de fora de si mesmo para se analisar.

O “ser-para-si”, que existe e mais nada, livre de essência e, portanto, terrivelmente angustiado, têm a consciência como uma ferramenta de liberdade, para fazer as escolhas que definirão sua essência. O que resulta da Filosofia Existencialista de Sartre é o homem compreendido por sua consciência e liberdade, para quem até mesmo ser passivo é uma escolha.

Sartre teve uma companheira, com quem viveu e ao lado de quem está sepultado, que também legou ao mundo uma importante obra filosófica. Simone de Beauvoir (1908-1986) escreveu ensaios que discorriam sobre a moralidade na perspectiva da liberdade radical apresentada no pensamento existencialista e também sobre o sentido da vida não como um dado, mas como projeto contínuo.





FEMINISMO E CONSTRUÇÃO SOCIAL

Simone de Beauvoir (1908-1986) publicou *O Segundo Sexo* pouco tempo depois do direito de votar ter sido concedido às mulheres na França. Neste livro, a história humana é apresentada de maneira inédita: pela primeira vez inteiramente sob a perspectiva feminina. A autora inicialmente aborda aspectos biológicos, recorrendo ainda à Psicanálise, para compreender a noção de “macho superior” e do papel das mulheres nas primeiras sociedades. Em seguida, Beauvoir mostra, a partir de uma história de vida feminina, os processos que condicionam a feminilidade das mulheres como uma construção social. Ou seja, o que define o papel e o comportamento femininos resulta de algo construído socialmente e não de um dado puramente natural. Para ela, o papel que a mulher ocupava na sociedade era algo no meio do caminho entre um macho e um castrado.

A ideia de que o papel da mulher é definido em relação ao homem, e não como o de um sujeito autônomo, foi fundamental para o movimento feminista, que teve na obra da escritora os fundamentos para empreender uma luta contra a desigualdade de gêneros.



FILOSOFIA ANALÍTICA

A Filosofia Analítica é a filosofia compreendida como análise lógica. Foi impulsionada pelo desenvolvimento de novas formas de notação lógica que permitem não apenas uma maior possibilidade de formalização de sentenças, mas também a criação de inteligências artificiais.



O filósofo e matemático inglês Bertrand Russel (1872-1970) foi um dos primeiros pensadores a empreender uma obra filosófica com grande ênfase ao estudo do significado e da verdade das frases de nossa linguagem comum. Suas pesquisas abriram caminho para a concepção da Filosofia como análise lógica da linguagem, dando início à tradição analítica, que hoje é predominante nos principais departamentos de filosofia nas universidades ao redor do mundo.

Além de ter produzido obras fundamentais para a Matemática do século XX e ainda textos sobre problemas políticos contundentes, como a proliferação de armas nucleares e as guerras, Russel teve um impacto decisivo na Filosofia apresentando uma série de teses que moldaram o trabalho filosófico nas universidades durante as décadas subsequentes. Pela primeira vez, acreditava Russel, a Filosofia poderia ser empreendida com rigor científico.

Dentre suas principais teses está a concepção de verdade como correspondência. Segundo Russel, uma crença é verdadeira se ela corresponde à realidade, e falsa se não corresponde. Você pode achar que esta é uma noção muito antiga e simples, e a verdade é que é muito intuitivo pensar assim. Mas perceba que, ao longo da história da Filosofia, a compreensão da capacidade humana de conhecer as coisas sempre foi muito controversa e a “realidade” muitas vezes apareceu como uma possível ilusão ou como algo que só apreendemos parcialmente de acordo com nosso aparato cognitivo, que a filtra e traduz.

As teses de Russel sobre a verdade como correspondência abriram caminho para uma série de diferentes estudos sobre a relação do homem com o mundo e os processos e a natureza da realidade.

OS BESOUROS DE WITTGENSTEIN

Ludwig Wittgenstein (1889-1951) encarava a Filosofia não como doutrina, mas como uma atividade que consiste em clarificar o pensamento por meio da lógica. Para ele, qualquer coisa que pudesse ser dita poderia ser dita de maneira clara. Este era um ataque direto às sentenças obscuras de muitos filósofos, que não apenas dificultavam a compreensão dos textos, mas também davam margem a interpretações conflitantes.

O filósofo considerava que nosso acesso ao mundo se dá mediante fatos. Wittgenstein diferenciava a complexidade dos “fatos” da simplicidade das “coisas”, e situava nossa

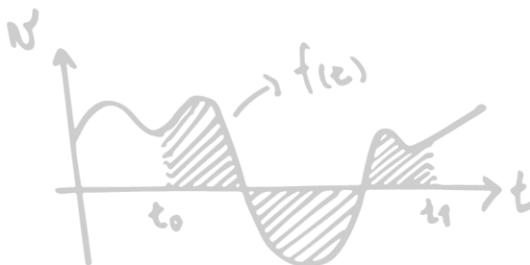
experiência do mundo sempre em relação a essa complexidade. Para tentar tornar mais fácil este pensamento, observe o seguinte exemplo:

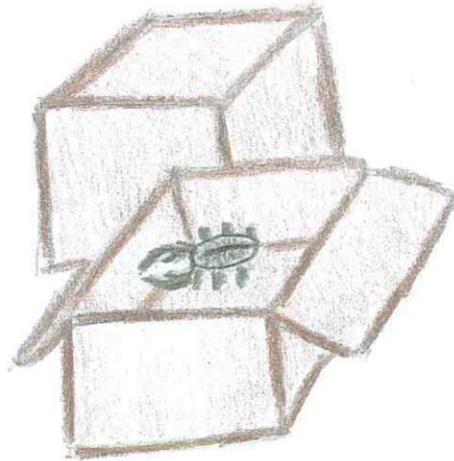
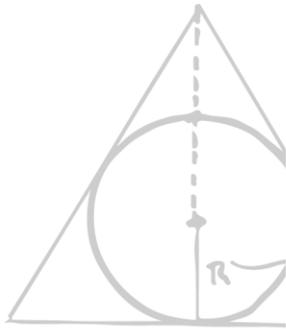
Você está agora lendo uma apostila do Me Salva! em um computador, celular ou tablet. Veja que você pode encarar tanto as palavras “computador”, “celular” e “tablet” como conceitos que designam objetos – ou coisas –, mas estes conceitos puramente não vão lhe fornecer nenhuma experiência do mundo. Você precisa ter proposições para poder compreender uma experiência: *o computador está ligado, o telefone está quebrado, o tablet foi um presente da minha madrinha*, etc.

Agora note que essas proposições designam um estado de coisas, ou fatos, que você pode entender perfeitamente, ainda que não sejam verdade. Se alguém disser “Pedras voam à noite”, você é perfeitamente capaz de entender, ainda que não seja verdade, mas não é logicamente impossível que pedras voem. Você pode verificar o capítulo **Sentido e Verdade** na Apostila de Filosofia Moderna para refrescar sua memória sobre este tema.

O importante é ter em mente que somos capazes de entender certas proposições sobre o mundo ainda que elas não sejam verdadeiras, desde que elas sejam logicamente possíveis: “Ratos podem ter 15 metros de altura” ou “A água ferve a 30°” são falsas, mas fazem sentido. Já proposições como “Quero uma bola quadrada” ou “Está chovendo aqui na minha janela e não está chovendo aqui na minha janela” sequer fazem sentido porque se contradizem internamente. Quem assistiu Chaves e viu os episódios em que o personagem Quico aguardava ansiosamente por sua bola quadrada sabe que o tão esperado presente nunca chegou, porque é impossível fabricar tal objeto.

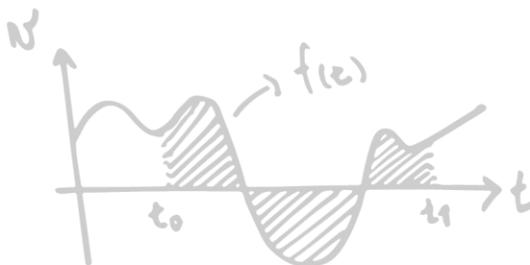
Para Wittgenstein, o trabalho da ciência é o de verificar se as proposições com sentido são verdadeiras ou falsas (por exemplo, se ratos podem ter 15 metros de altura e se a água ferve a 30°), e o trabalho dos filósofos é o de limpar a linguagem dos excessos e enganos que sequer possuem sentido.





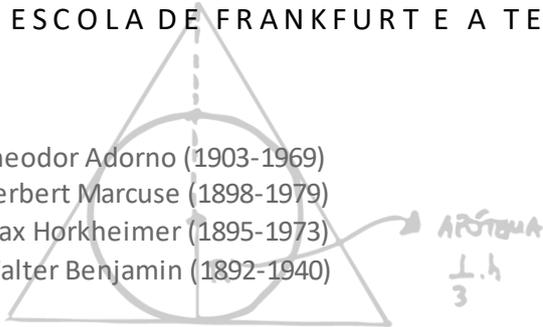
Wittgenstein também compreendeu a linguagem como algo que só pode ter sentido se compartilhada. Imagine que várias pessoas possuem, cada uma, uma caixa. O conteúdo de cada caixa é algo que apenas seu dono pode enxergar. Então alguém pergunta o que há dentro da caixa e todos respondem “besouro”. Mas se é impossível para qualquer pessoa olhar dentro da caixa do outro, então pode ser que alguns estejam mentindo, ou que o conteúdo das caixas seja diferente, mas nada impede que todos se refiram ao que existe lá dentro como “besouro” e, em pouco tempo, todos estariam chamando de “besouro” coisas que podem ser muito distintas entre si.

A única maneira de haver um acordo sobre besouros é exibir para todos os participantes deste jogo de linguagem (esta é a expressão que Wittgenstein usava) um besouro para que se estabeleça um acordo sobre o que, afinal de contas, é um besouro. É necessário que exista um acordo coletivo sobre o sentido das palavras para que elas funcionem. Não haveria, portanto, uma linguagem individual, pois o único sentido da linguagem é dizer algo para alguém.



A ESCOLA DE FRANKFURT E A TEORIA CRÍTICA

- ✓ Theodor Adorno (1903-1969)
- ✓ Herbert Marcuse (1898-1979)
- ✓ Max Horkheimer (1895-1973)
- ✓ Walter Benjamin (1892-1940)



A Escola de Frankfurt considerava que a razão pode ser instrumento para dominar e viam a técnica e a ciência como instrumentos do capital para produzir lucro. Notem que as colonizações que resultaram em massacre e escravização têm um papel nessa concepção. Nas Américas, por exemplo, sob o pretexto de se levar a civilização (com sua técnica e ciência) para sociedades tecnologicamente inferiores, resultou em grandes matanças e escravidão.

Profundamente influenciados por Marx, Freud e Heidegger, os filósofos da Escola de Frankfurt, desenvolveram um pensamento que integrava Filosofia, Psicanálise e Sociologia, debatendo temas como autoritarismo, família, liberdade e cultura de massa.



RAZÃO OBJETIVA E RAZÃO SUBJETIVA

A Razão Objetiva ou Cognitiva é aquela a qual apelamos para conhecer o mundo e nos relacionar com as pessoas e com a natureza. Já a Razão Subjetiva ou Instrumental é usada para modificar a natureza, e visa à produtividade.

Embora as duas formas de razão sejam compatíveis e atuem de maneira conjunta, o desenvolvimento científico e o capitalismo anabolizaram a razão subjetiva, que se sobrepôs à razão objetiva. Para os pensadores da Escola de Frankfurt, o homem sofre de uma grande perda de autonomia nas sociedades com grande desenvolvimento tecnológico.



Uma das principais ideias da escola de Frankfurt é a da **Tolerância Repressiva**. Segundo Marcuse, a mudança social seria sufocada por uma avalanche de bens de consumo, negócios e instigações sexuais. Para ele, esta alienação do homem inserido num sistema capitalista em que sua condição de dominado é distraída pela cultura e pelo consumo não é casual, mas sim o resultado de um sistema capitalista totalitário que procura manter-se vivo. A tolerância como discursos dissonantes seria uma forma de deixá-los se dissipar, uma vez que todo o sistema estava montado para que as vozes marginalizadas não fossem ouvidas.

A filosofia da Escola de Frankfurt também é conhecida como Teoria Crítica, porque pretende diferenciar-se da Teoria Tradicional na medida em que pretende interagir e intervir diretamente na sociedade.

PARA SABER MAIS

Com a abertura de alguns arquivos antes confidenciais por parte do governo britânico, a história do matemático Alan Turing tornou-se célebre. Turing conseguiu decodificar a comunicação do exército nazista, permitindo que as tropas aliadas soubessem antes quizeram os principais alvos dos alemães, o que mudou o quadro da guerra e permitiu a vitória sobre o exército de Hitler. Os estudos de Turing também foram decisivos para o desenvolvimento do computador. O fato de que este verdadeiro herói da segunda guerra foi condenado à castração química por ser homossexual – o que era crime na Inglaterra em sua época – também torna a biografia de Turing interessante. Se você quiser saber mais sobre o desenvolvimento da lógica – principal instrumento da Filosofia Analítica – vale assistir a série **The Bletchley Circle (2012)**. A série se passa na Inglaterra, poucos anos após o fim da guerra, muito antes, portanto, da abertura dos arquivos confidenciais. É a história de mulheres que trabalharam na equipe de Turing, entre elas uma especialista em lógica e padrões, que, tendo que manter segredo sobre sua atuação na guerra e suas habilidades intelectuais, se unem para resolver uma série de assassinatos. A vida do próprio Turing virou filme; para conhecê-la melhor, você pode assistir **O jogo da imitação (2015)**.

